



O COSMOPOLITA

Orgão dos Empregados em Hotéis, Restaurants, Cafés, Bars e classes congeneres

ANO II - N. 28

Rio de Janeiro, 1 de março de 1918

REDAÇÃO
Rua do Senado 215-217
Telefone Central 1499

A reação da corja!

A caricata demonstração de hostilidade, levada a efeito no domingo, 24 p. p., pelo patronato, ancioso de fazer-nos curvar ante a sua vontade prepotente de exploradores, teve um resultado inteiramente oposto ao objetivado pelos seus promotores, estreitando ainda mais os laços de solidariedade das classes componentes do Centro Cosmopolita e provocando as mais inequivocas manifestações de apoio da opinião publica pelos seus mais lidimos organs: as organizações proletarias.

O fracasso de um lock-out

Na faina febril e obstinada de impedir que vinguem as melhorias consignadas na recente lei municipal que regula o trabalho na classe, tem vindo o patronato, sob cujo guante vivemos, a empregar todos os recursos aconselhados pela mais baixa sordidia, menosprezando todos os principios de justiça e humanidade, e calcando sob seus pés, ao impulso do mais odioso capricho os direitos de uma parcela consideravel do proletariado.

Sob os auspícios desse já famoso C. U. dos Proprietários de Hotéis, reunidos nessa tenebroza camorra em maquinações sobre os expedientes com que se hão de opor á marcha rompente das nossas aspirações de bem estar, eles têm dado as provas mais robustas, as demonstrações mais eloquentes do seu reacionarismo, dos seus pruridos exploradores em pugna permanente com as tendencias avançadas de que estão impregnados os tempos modernos.

Desde que no Conselho Municipal foi apresentado o projeto, hoje convertido na lei contra a qual se ergue a grita dos que se vêm, de algum modo, cerceados no ganancioso voraz, que toda a coorte dos pasteleiros tem vindo, numa escala crescente, de despauterio em despauterio, até culminar no jesto grotescamente ridiculo de domingo ultimo, com o qual pretendeu, irrizoriamente, fulminar as duas entidades mais de perto alvejadas pela sua furia: o povo, matan o-o de inanição, e a nós outros, (os empregados) fazendo ruir as nossas pretensões sob a pressão formidavel da opinião publica voltada contra o "absurdo" da nossa cauza.

Quanto ao primeiro caso, o obtuario do dia não chegou a registrar nem um caso de morte por inanição, segundo, com muita propriedade, observou conhecido jornalista...

O sr. Albino dos Santos, — ou do diabos, conversava com seu comparsa Acacio — já se vê, não com o grande Acacio imortal de quem o Acacio, (o Acacio da Costa Abreu,) é fervoroso dicipulo e todos os seus colegas donos dessas cazas de torturas físicas e estomacais.

Naõ pensem que foi pelo lindo patino de cara do Acacinho, que o Albino o procurou... na segunda-feira de 25 do p. p.

A conversa entre eles fôu mais fina... e que eles no domingo não ficaram nada a ninguém por ficarem em caza a gozar a derrota que infligiram ao Centro Cosmopolita...

Voltemos á vaca fria... Albino e Acacio trocaram um cumprimento triste, bem significativo da decepção que tiveram.

Albino rompe o dialogo dizendo — mas que grandes filhos... são os nossos colegas! Eu que cheguei a sonhar com o pote encostado nos seus outros, metidos em carros, em automoveis, andando de rastros etc. etc., em caminho do Palacio, onde já se encontravam uma enorme multidão faminta... pedindo ao governo pão e trabalho! digo pão! pão! temos dinheiro e não temos onde comer... A gritaria era infernal, de vez em quando, escutava-se um ruído enorme. Eram as tripas a decorarem umas as outras... que ruído sinistro. O presidente apavorado chegou á sacada e diz á multidão faminta que só tu, Acacinho, podia salvar a situação.

O pote pede que apareça o Messias das barrigas e lá, Acacinho, aparece á sacada todo garbozo, e diz que vais falar em nome do nosso querido C. U. dos P. Ha um delirio enorme na multidão que saõdo o chiquetinho do C. U. dos P. com uns ventinhos que saem d'onde o fim da espinha perde o nome. E, então, bradas que o mal é a lei, que a cauza do fome é o Centro Cosmopolita, que quer um dia de descanso para fazer bombas, pois são anarquistas, querem descanso para terem tempo de se embeldarem e incomodar a policia, quanto ao trabalho, nunca matou ninguém, porisso propõe á multidão faminta, que se revege a lei e se arroje o Centro Cosmopolita. O povo, enfurecido, brada contra a lei e vai em forte algazarra em caminho do Centro Cosmopolita, para arrojá-lo...

— Fiqui tao satisfeito que acordei pulando no cama, se arrojaram o Centro não sei...

— Ve lá tu que belo sonho, e os patifes dos nossos colegas, abrem as portas e ninguém merreu de fome, a lei continua cada vez mais solida com o "comparsa a lei" do presidente da Republica e o Centro Cosmopolita continua em pé, e ezijente, vindo do nosso fracasso...

Quando o Albino acabou a lenga lenga, Acacinho chorou copiosamente e murmurava... os patifes ganharam tanto dinheiro! e só por nossa cauza!

— Não me fales em dinheiro... diz o Albino. Não vez que me fazes chorar?

— Bem — adeus, Acacinho, não cairemos noutra.

João Justo.

vicissitudes que amarguram a alma proletaria.

Por outro lado nós nos sentimos dispostos a levar por diante a luta até aos derradeiros extremos.

Nunca, aliás, nos deixámos embair pela iluzão de que os gananciosos patrões se submetessem passivamente aos dispositivos da lei; tampouco acreditámos, jamais, que a lei contivesse em si força capaz de fazer os seus dispositivos. Estabelecendo regalias que, embora diminutas, contrariavam interesses creados, inevitavelmente levantarão contra a sua execução os furores patronais, tornando-se, portanto, necessaria a ação solidaria dos trabalhadores interessados.

Um desconcerto

As cazas que não fecharam fizeram boas ferias.



— Não houve concerto algum; pelo contrario, nós é que ficámos desconcertados.

Porque o C. C. repeliu o acordo policial

Dando conta ao publico do fracasso do acordo, que propuzera, o chefe de policia enviou aos jornais diarios a seguinte nota:

— Como já foi publicado, o chefe de policia ofereceu a sua mediação na questão existente entre patrões e operarios de hotéis, restaurants, etc.

Chamando á sua presença representantes da diretoria do Centro Cosmopolita, o dr. Aurelino Leal fez-lhes a seguinte preposta, com a qual estava de acordo os proprietarios:

1— Os patrões e operarios, durante um prazo ficado no respectivo acordo, combinarão as concessões possiveis em favor dos segundos;

2— Os patrões suspenderão o curso da ação proposta para provocar o julgamento da inconstitucionalidade da lei que dá o descanso semanal e regula o numero de horas do trabalho dos "garçons" e coziuhieros;

3— Os pederes publicos serão solicitados para, dentro do prazo a que

se refere o n. 1, patrecinar a conversão em lei das medidas constantes do acordo;

4— Constituir-se á uma comissão mista, de patrões e operarios, para daqui por diante rezolver as reclamações reciprocas;

5— Se, findo o prazo a que se refere o n. 1, os poderes publicos não realizarem o que se contém no n. 3, o Centro Cosmopolita retomará inteira liberdade para fazer aplicar a lei vijente, que, portanto, não ficará nem poderá ficar revogada pe'a simples vontade das duas partes.

Hontem, reunindo patrões e operarios no seu gabinete, o dr. Aurelino insistiu em que fosse aceito o acordo, fazendo considerações sobre as vantajens.

Os representantes do Centro Cosmopolita não aceitaram.

Acham os patrões que a lei é inequível em mais do um ponto.

Além de aceitarem as bases acima apresentada pelo chefe de policia

os patrões se dispuzeram a:
1— Conceder um dia de descanso;
2— Ficar o dia de trabalho em 12 horas, podendo intercala-las á vontade das duas partes;
3— Manter um livro de ponto, rubricado pelo agente da Prefeitura do respectivo distrito, em substituição do quadro mandado aficar pela lei actual.
O secretario do Centro, pelos seus companheiros, tudo recuzou, pronunciando estas palavras:
"O Centro quer a lei".
Assim fracassou o acordo proposto pelo chefe de policia".

Nem podia deixar de fracassar...

Evidentemente: qualquer a cordo entre patrão e empregado ha de por força ser precario, ineficaz, insubzistente. Muito fundo é o antagonismo de interesses que os separa e distancia, para tornar possivel e sério qualquer entendimento entre eles, no tocante a questões de trabalho.

Pezar da sua pretensa habilidade manobreira de obstinado interventor em pendengas operarias, o sr. Leal espichou-se redondamente, ao supôr que o Centro Cosmopolita poderia decer a tranziências ante a cobarde arrogancia dos pasteleiros carrancistas e dezhumanos.

A lei de 2 de janeiro representa uma conquista arduamente alcançada pelo Centro, através de anos inteiros de batalhar incessante, e não seria agora, com o concretizar de velhas aspirações das classes que o compõem, que se iria dar de mão com elas, sómente no intuito de satisfazer os desejos blandicidiosos do chefe de policia.

Os patrões que pleteiem, como entenderem, a inconstitucionalidade da lei: as melhorias nela sintetizadas ninguém mais as arrancará da coletividade que as conseguiu com tanto esforço.

Quanto ao sr. Leal, que se dezenzane o seu bedelho de intrometido em couzas que lhe não dizem respeito: a sua mediação é perfeitamente inutil e inaceitavel.

Mesmo porque, em materia de acordos e mediações, bem duras têm sido as esperiencias do proletariado em tal assunto. Para citar um caso não remoto e de repercussão, basta lembrar o acordo firmado entre operarios e patrões, por ocasião da grande greve de S. Paulo, o ano passado. Não somos bestas e não caímos em contos do vigario, sejam eles embora primado pelos oculos escuros do sr. Aurelino...



A cafila

Tinha que escrever qualquer coisa sobre o jesto infeliz e tolo desse commercio de ratanzas que vive a intoxicar o povo, sem a menor piedade e para gaudio de suas gavetas, para alegria de suas inefaveis e fiéis "burras", sintheze massima da felicidade desse patronato bronco e alvar.

Os adjetivos bailam-me no cerebro e no entanto não ha meios de encontrar um só, capaz de conter a demonstração uo que é esse patronato lamparão, não ha a adjetivação possível, para classificar sa corja asqueroza, rapinante, ladrão e z até á medula.

O jesto de 24 de fevereiro, paten-o fielmente aos olhos da população, te que é esse patronato ambiciozo e, opso, facto ponde calcular o quanto somos explorados nesses antros diabólicos, onde o salão é a entrada e a cozinha o inferno, que definha lentamente —as vidas dos que nelas trabalhau por longas horas consecutivas em troca dum salario mesquinho e vexatório.

É necessário que cada um dos trabalhadores dessas cazas infitas, obriguem os seus exploradores a ter hygiene nas cozinhas, para que o vosso organismo, não se vá vitimando lentamente pelo ambiente putrefato, nem vossas narinhas sinta o halito azinhavrado de vossos patrões. É necessário pôr-lhes freios e apertar-lhes a barbeta, quando o relinchar desses chucros, demonstrar ambição. Lembrai-vos que, quanto maior forem as ambições dessa jente; periga a vossa liberdade. Lembrai-vos que a ambição é a preocupação massima dessa jente, nada de piedade, deveis fazer por trepar nessas bestas, meter-lhes o rebenuque e não lhes poupar as esporas, nada de piedade, deveis corresponder ao mesmo sentimento deles. Por acaso lembrar-se-ão eles do melhor dos esforços e da vossa vida que vós deixais nos antros deles?

Não!?

Sede implacaveis, nada de esmorecimentos.

É necessário marcar com ferro em brazier, esta luta gigantesca em que a classe se debate, para que o nosso legado, ás jerações vindouras, não seja o mesmo que esse patronato torpe nos legou e, implacavelmente quer perpetuar. Sede implacaveis, apertai bem a barbeta desses passivos de outrora, desses castrados que, diante das nossas energias reivindicadoras, querem se finjir de masculos.

Será necessário que a mocidade trabalhadora e idealista das aspirações novas, eduque as massas proletarias para o concerto das reivindicações, para atravessarmos as galerias dos preconceitos e das tiranias sociais. É necessário caminharmos sempre, em direção ás nossas aspirações, de braço dado aos parias de hoje, quanto a essa jente conservadora e hierarquica, será a cauda dos principios extraordinarios das reivindicações humanas, que empolga o século que decorre, apesar de er o século depositario das massimas abjeções humanas, onde este aparelho dezingonado de hoje, vomitou todas as suas infamias de hierarquias prepetentes, escravajistas e que têm vivído, tal qual parazita, no corpo da humanidade produtora.

Felizmente, das bandas do oriente, nos vem ventos puros, que são os preñuncios do dia de amanhã. Lá, fóra uma autoocracia poderosa e milenar, que corrui a plebe; tanto corroen que, os trabalhadores, observando a maneira com que tiravam as parazitas do couro cabeludo, que vivia de sua vida, trataram de conseguir um «pente-fino» especial, para a outra parazita que vivia de sua vida e que dispunha da vida e da terra.

É o unico «pente-fino» que rezistiu forte e soberbo, foi a «Anarquia» concepção massima da ultima filozofia que apontá os novos horizontes ao homem, sedento de se livrar desta praga social, que o conroe dia a dia, sem compaixão.

É necessário que apontemos ás massas o «pente-fino» capaz e unico de banir a parazita, nada de complacencias, ponco ou nada tranzijir, cada golpe que dermos nesta organização, abreviamos o dia de amanhã, e o nosso legado aos posteros será digno, porque, digna tem sido a nossa ação, chicotando e ensinando a chicotear essa multidão enorme, roubada no pão e na liberdade de viver, para que «retorne a terra e repila o senhor».

É absolutamente inutil terjiversar. O Centro Cosmopolita não entrou, não entra nem entrará em nenhum acordo com o patronato. Isso é couza assentada e irrevogavel na classe, e nada no mundo nos arredará. A não ser que seja para mais conquistas...

Candidatura impossivel

Surgiu ha dias, em S. Paulo, não sabemos orijinado donde, a indicação, para deputado federal, do nome de... Edgard Lenenroth. Quem diacho teria essa lembrança sesquipedal? Ao que parece, os promotores de tão estranha idéa o fizeram com intenção de protestar, por esse modo, contra a injustiça de que vem sendo vitima o nosso camarada Lenenroth.

Está claro que este não iria consentir na imiscução do seu nome limpo na imunda farsaria eleitoral. E fe-lo publicamente, em artigo escrito na cadeia, onde se acha, e publicado pelo "Combate" de S. Paulo, n. do dia 26 de fevereiro ultimo.

Tambem os camaradas de S. Paulo, em reunião no Centro Libertario, resolveram tornar publica, por meio duma nota á imprensa, a sua absoluta irresponsabilidade e repulsa por tal proposito.

É á isso, afinal, uma lição de primeira ordem. Enquanto os corvos da politica, dominante e opozicionista, se entregam ao indecorozo mister da pesca ao voto e do chafurdamento nas arcas do fazouro, — eis que surge o anarquista, de animo sereno e irredutivel nas suas convicções, mostrando que a sua luta tem por fim revolucionar a massa popular, para a conquista directa e colectiva do bem estar, e não a subida ambicioza ao poder e ao desfrute das comodidades governamentais.

Que sirva ao menos esta lição!

Acordo? Não!

É necessário mostrarmos a esse patronato que ainda não morreu em rós, o sentimento nobre que nos impelle a pugnar pelo nosso direito e, outrossim, dizer-lhes que não delegamos a defeza da nossa cauza a qualquer saltimbanco desses que vivem a sondar qual a parte que possa oferecer algumas vantagens.

Desnecessario será vos dizer que, de maneira alguma, entramos em accordo.

Preferimos a anulação da lei, do que entrarmos em conchavos com os vossos emissarios, leigos das nossas necessidades.

Revogada a lei, então saberemos directamente conquistar os nossos direitos, por meios decizivos e capazes de nos assegurar as nossas reivindicacões.

Nós não delegamos a terceiros a defeza da nossa cauza.

Temos consciencia dos nossos direitos, e, por isso, saberemos conquistá-los directamente.

DUAS SILABAS MENOS

Um dos mais curiosos processos de propaganda eleicoeira uzados esta vez consistiu no reclamo a jiz no asfalto: "Para deputado Fulano de Tal".

Aquilo, ali perto, tão justamente perto das sarjetas, até dava vontade á jente de, com o pé, apagar a primeira e a ultima silabas da palavra "deputado" e deixar o resto, como propaganda merecida...

Em atenção antecipada aos futuros sujeitos que têm de ocupar os lugares já occupados pelos que já mereceram dum dos seus pateres, em plena sacanagem parlamentar, a famosa objurgatoria: "Não sabemos se estamos aqui em meio de homens publicos ou de mulheres publicas!"...

Na verdade, ainda temos alguns patrões, que sentirão o nosso contato e acompanharn as nossas aspirações. A lei que nos beneficia, tem encontrado dificuldades na pratica em todas as cazas, no entanto, os patrões que são nossos amigos, os patrões modernos, que diga-se de passagem, (são pouquissimos) praticam a lei tal qual está redijida e não encontram dificuldades, só essas mulas torpes, é que observam a impossibilidade em tudo que a lei regula, e acham possível, que um infeliz trabalhe infinitas horas por dias e dias consecutivos, entendem que eles não têm as suas necessidades a satisfazer.

Nada de clemencia, é necessário oprimos todos os nossos meios possíveis ao dezenfreiço desse patronato intame e prepotente.

Lutemos impavidos contra a corja!

Albino Dias.

UM PROGRAMA MININO

DE AMARQUIA

A ação do indivíduo é livre: a sua limitação fica adstrita á impossibilidade material ou humana de fazer ou não fazer as coisas.

NÃO havendo indivíduo obrigado a fazer ou não fazer as coisas, nenhum instrumento social haverá de repressão. A sociedade não reconhece sacrificios individuais nem a aciozidade. O indivíduo é senhyr e responsável pelas suas ações, pela sua vida e é livre de dispor de si.

O indivíduo fraco ou ameaçado em sua vida e liberdade pode recorrer para defeza do causillio de outrem. Neste caso os atos de ataque ou defeza são de plena responsabilidade de quem os executa. A sociedade não tem direito de julgar os fatos que disso decorram.

As comunidades podem criar elementos de defeza commum, sem capacidade de punição ou "excoamento de liberdade de outrem."

NÃO haverá reconhecimento de paternidade. As uniões interessuais são livres como os indivíduos que a elas recorrem.

A FAMILIA é o consenso de seus membros e terá a estenção que lhe queirarn dar esses mesmos membros.

Em nome dela não poderá o indivíduo ter excoções que lesam a comunidade. A familia tem capacidade de defeza por meios proprios contra atentados e usurpações alheias, mas não pode julgar nem ser julgada.

NÃO haverá convenção que ultrapasse o periodo de existência daquelles que a fizeram.

A PALAVRA escrita ou falada não obriga ninguém a mais ou a menos que a fe da coisa tratada.

NÃO poderá haver nenhuma relação de indivíduo a indivíduo que se baseie em autoridade. Não ha direito de mando, nem dever de obediencia.

É livre o indivíduo desde quando lhe é possível prover a propria subsistencia. Não haverá autoridade paternal nem individual, não haverá também publica.

É abolido o Estado desde as suas formas elementares até as suas derradeiras consequências, subsistindo apenas a sociedade livre baseada nas transitorias necessidades communs.

NÃO abolidas as leis existentes; serve de lei a necessidade commum e ocasional; durante o tempo da necessidade que a convenção sem que a ela abrigue quem quer que seja.

É abolido a propriedade desde as suas primeiras até as suas derradeiras consequências. O indivíduo só poderá possuir aquilo que se considera parte integrante ou complementar de sua pessoa e que esteja immediatamente sob seu dominio.

A MOEDA é declarada sem valor. Não ha padrão para avaliá-la; qualquer objeto pode representar valor si assim o conceituarem os individuos entre si sem que essa convenção abriguem a outrem.

A sociedade não reconhece nem garante transação de especie alguma baseada sobre a moeda ou coisa que a represente.

É abolido o capital em todas as suas formas e modalidades.

Domingos Ribeiro Filho.

Um jesto raro

A proposito ainda da "greve" patronal, o Centro Cosmopolita recebeu do sr. Manoel Passos, proprietario do restaurante a "Cascata do Minho", o seguinte officio:

"Aos srs. directores do Centro Cosmopolita
Saudações.

Tende eu militado no vosso lado e sabendo quão difficil são as conquistas de melhorias no trabalho, para que esta enorme classe siga paralelamente ás outras classe que acompanham a evolução natural, em direção das aspiracões modernas, facil me foi organizar o serviço da minha cauza de negocio que tem as mesmas necessidades de organização de qualquer outra conjenere, no molde em que estabelece a lei, de que o Centro Cosmopolita se tornou pioneiro, eziñdo a sua leal servancia, contra a opozição do patronato conservador, com o qual eu não comungo.

Termineo, agradecendo a prova de amizade e auxillio que vós dispensastes a minha cauza por ocazião do jesto infeliz dos meus colegas contra a vossa cauza

Do amigo de sempre
Manoel Passos.
Rio, 26 — 2 — 1918.

Os homens são homens e vós não podeis dar ao indivíduo uma parcela de autoridade sem o corromper.

Kropotkin

O elogio do odio

(Ecerto da famoza safira "A traição")

Homens do nosso tempo, herdeiros duma herança fatal... e massa deusa a furia da Vingança. Tensos o barbaro Odio enerjico, revel, que ao mesmo tempo é doce e ao mesmo tempo é fel: odio eterno, feroz, que mais e mais se atiga, mais que é tambem Amor — e que é tambem Justiça. — É o odio contra o torpe e a raza do monturo. É o odio contra a mãe que, á noite, pelo escuro, vai a filha cender ao lupiter occulto... É o odio a ti, mulher, que espóis tens seios ao insulto duns beijos de atuguel, por uns veludos mais... É o odio contra o filho, é o odio contra os pais dobrados, imbecis, cheios dum mal secreto, dum vergonhoso mal que vai do avô ao neto, que se vão hospedar ambos no mesmo hotel, e se encontram á noite — ao jogo e ao bordel!... É o odio contra ti, palido libertino, que apalpas entre as mãos um seio feminino, e a altiras para o leito julga peor que a cová!... É o odio contra ti, fraco jeração nova, que amas somente riv e não tens convicções, nem ideal, nem fe, nem nervos, nem tendões, não sabes venerar, não sabes ter respeito, ruzir, nem arrancar as lagrimas do peito, nem riv como Voltaire, amar como Romeu, sofrer como Jezus — nem odiar como eu.

O homem que em seu peito altivo e rebelado sentia dentro de si odio intimo e sagrado, o odio contra o erro, a lama, a podridão, e arrancau do seu peito uns raios de lebo: que ao alto, vendo a Azul, aos ais do miseravel, impossivel, sereno, Augusto, inabalavel, e em baixo, eí na terra, em troncos assentados, toda a herdã dos reis, sorrindo ensanguentado; vendo rejear na terra o Despotismo eterno, todo de bronze o céu, todo de treca o Inferno, em cima a escuridão — em baixo infamia e morte — não poude reprimir da covela o acouto, e arremessando ao Azul o grito da sua ira bradou: — Justiça Mãe! — tu que não és mentiro, tu que tens sido sempre a virjem rude e forte, meu unico luar, meu inam e meu norte, meu idolo, meu mal, meu vade tujo custodio, — depois de ti, ó Mãe! não ha sinoo o Odio.

Ora este odio tremendo, odio eterno, Senhor, e filho da Justiça — e é uma face do Amor. É este odio que faz que, cheios de utopias, ramos, ao acaso, errar nas virjens serranias, atraz dos ideais selrajens, desgrenhados... e que como uns ateus, ou como uns rebeldos, nos apontem as mãos ás tímidos mulheres, como uns homens reves, ou como estranhos seres, sem Amor, sem Mulher, sem Patria, sem Altar, que vão de moite em moite, e vão de mar em mar... Este odio virjinal das emboceiças brancas é uma força, ó rei! — Val mais que as alavancas, val mais do que os escañões, não só dos teus rossalos, mais de mil esquadras de barbaros cavalos, que o mundo possa por em pe de guerra, um dia... Val mais que a Duncanite e mais que a artilheria, cañdo as porcações das praças aterradas... Val mais que todo o bronze e o aço das espadas, mais do que os canhões Krupp, feitos corcamente com ciencia, com arte, estudo, sabimento, balística e o demais que o homem dezentou para maior em regra a Abel seu semelhante... Esse odio é todo um drama, ou barbara epopa. — Só o que muito ama é o que muito odia! Eu, por mim, nutro um odio indomito, selejem, que é como um diamante e o raio da corajem, um odio colossal, demolidor, que arria, e de que hei de fazer uma quente ferro em brazier, para marcar na testa a ti e a teus irmãos...

Gomes Leal.

Belo ezemplo...

Nestes tempos maravilhozos em que os srs. patrões pretendem aparcer-nos com ares de humanitarios, fazendo alarde dos seus nobres sentimentos de justiça, reconhecendo, em parte, a razão de ser das nossas pretensões, é uma ironia estupefaciente termos que registrar cazos tão indignos, tão vexatorios como o que passamos a relatar.

Trata-se de um fato muito interessante que caracteriza com evidencia os baixos sentimentos desses tipos indignos e fargantes que espoliam escandalosamente os seus auxilliarios, sem a minima consideração.

O sr. Vitor Arnelo, proprietario da sorveteria Rio Branco, é um desses patifes que somente procuram no trabalho alheio a requintada satisfação dos seus malevolos instintos de homem bestializado pela ganancia.

Todos devem recordar-se da morte trajica do sr. Sagasta, socio desse energumento. Dispensamos qualquer comentario sobre o procedimento desse homem que em vida procedeu do mesmo modo com os seus colegas, maltratando os seus auxilliarios e explorando-os com a mesma desteaçates.

Quando o sr. Sagasta tomou a sinistra resolução de por termo á vida, o tal Vitor encontrava-se na Espanha, nas terras da alegre Andalusia, malbaratando o dinheiro, produto do precioso sangue das

suas victimas que tinha sacrificado no Rio de Janeiro, e continuava impuramente sacrificando.

Informado por telegrama do desenlace do seu socio, partiu, imcontinenti para o Brazil. Aquí chegando, encontrou como era natural, o seu estabelecimento entregue aos seus empregados.

Como estivesse um tanto adormado resolveu ficar em repouso mais um mes.

A sua falta não foi notada no estabelecimento. A clientela aumentava e as coisas corriam ás mil maravilhas.

Isso prova, evidentemente, que se uma peste bubonica, por exemplo, levasse os patrões para a contra banda, não notariamos a sua falta.

A mola unica da vida humana, é o braço proletario, que a movimenta.

O estabelecimento fazia esplendidas férias e os empregados accumularam uns "pacotes" para o Sr. Vitor.

Sabeis qual foi a recompensa desse ezemplo de honestidade e retidão de caracter dos empregados da "Sorveteria Rio Branco"? Tal depressa terminou a sua convalecença, assumiu a direção do negocio, formando ao lado dos colegas na campanha contra a lei que regulamenta as horas de trabalho e estabelece o descanso semanal para a nossa classe. Fez-se diretor da "União dos Proprietarios

rios de Hoteis". Depois disso a sua ferocidade atinjiu a tal ponto, que os empregados andam aterrorizados com esse miseravel procedimento, e faz alarde, arrogantemente, da sua atitude, apontando aqueles que defenderam os seus interesses, e respeitaram a sua propriedade.

Assim procedem todos os cana-lhas, e o Rio está cheio de Vito-res Arnedos.

Meditai!

Oduumyar.

A "Cabaça Grande"

"Alquimistas" e vingativos

Camaradas d' "O Cosmopolita" Saudações

Ainda revoltado pela maneira indigna, do proceder dos donos do restau-re "A Cabaça Grande", não me pude furtar de vos escrever esta carta, a qual podeis dar o destino que vos con-vier.

Como sabeis, ha muito q'te trabalhei na "A Cabaça Grande", dela me reti-rando por questões de sómosos impor-tancia.

Passados trez anos, eu fui mandado para trabalhar na referida caza, pela seção de colocação do Centro Cosmo-polita, e como encontrava-me desem-pregado e já conhecia o sistema do serviço da caza, aq'ueci immediatamen-te, mas, qual não foi a minha surpré-za, quando o sr. Galho me recuzou, dizendo que eu fora cauza da firma ter pago a multa de 100\$000 por eriar na cozinha porcos, galinhas, patos e cabritos. Como não fora eu o intor-mante da Saude Publica, protestei, porque, se o fosse, teria a honridade necessaria para lh'o dizer francamen-te, sem rebuços.

Deante do meu protesto, o sr. Galho me aceitou em sua caza, até que o sr. Manoel Domingos Rodrigues voltase de Minas onde se encontrava. Voltan-do o sr. Rodrigues acuzou-me tam-bem, de ser o cauzador da multa; eu protestei novamente e convencendo-se, animou-me a trabalhar com interesse por sua caza, couza que sempre fiz, por cumprir o meu dever.

Mas, um dia, o sr. Manoel Rodrigues volta para Minas, e, no dia seguinte, sou despedido por seu socio, em seu nome. Porque, a cauza da cobardia do sr. Manoel Domingos? Porque, não teve ele a honridade de me despe-dir pessoalmente? Grande homem que é o tal prezidente honorario da nossa agremiação!

Está o Centro Cosmopolita bem ser-vido...

Teria me despedido por cauza da multa? Não sei. Mas, que a multa foi justa, lá isso foi, pois que, ainda não tornaram emenda, continuando a eriar os porcos, galinhas, patos e ca-britos...

Agora, o que vos denuncio, é pela vossa alquimia do diabo, que transfor-ma a cerveja "Guarany" em outras marcas superiores, e assim também fa-zeis com os vinhos tintos, que a vossa alquimia infernal, impinje á freguezia. Disse sim... eu vos denuncio.

Como esta já vai longa, termino aqui, saudando o O COSMOPOLITA, como o unico porta-voz que temos, para protestarmos, contra as iniquida-des e perfidias dos nossos escravizade-res.

Rio, 16 - 2 - 1918
Vosso e da cauza

S. S.

A solidariedade operaria

O Sindicato de Marceneiros e Ar-Correlativas fez publicar na imprensa diaria a seguinte significativa decla-ração de solidariedade com a nossa cauza:

O Sindicato dos Marceneiros e artes correlativas, reunido em assembléa jeral deliberou, por unan-imidade, prestar inteira solidari-edade moral aos seus companheiros do Centro Cosmopolita.

Aguardará entretanto o dezenrolar dos acontecimentos, lançan-do-se em luta se tanto for preciso.

E, mais: protesta contra os indivi-duos gananciosos que são os proprietarios de restaurantes, os

A grande farça

Sobre eleições e processos eleitorais, achamos a propósito lembrar alguns testemunhos insuspeitos, que sirvam de lição aos injenuos e palermões:

O Brasil tem uma população de 25 . 000.000 de almas e o numero dos eleitores, que se vai estrear a 1 de março, é inferior agora a 200.000 e não passará então desta soma. Está-se cansado de dizer que o Brasil é um país de analfabetos. Mas positivamente não chega a tanto, e o fato em si daquela desproporção provoca maior estranheza, quando se sabe que para a função eleitiva ainda hoje não se requer mais do que assinar o nome, achando-se o eleitorado atual na maior parte composto de indivíduos não possuidores de luzes mais brillantes. (Do "Correio da Manhã" de 28 janeiro 1918).

O voto é a fraude. Mas a Republica é o voto. Logo, a Republica é a fraude. (Ruy Barboza, "Memoria apresentada ao Congresso Nacional", suplemento do "Diario do Congresso Nacional", julho de 1910).

Os saudosos do Imperio, arrogando-se ares de consories, contrapõem, indignados, á bacanal eleitoral da Republica, a pureza das urnas nos tempos idos. Mas o que é certo é que a mulher dezhonesta e facil e devassa na escondida alcova e que ao sair dela vinha de olhos baixos e fisionomia beata apparecer á luz das salas — tal a eleição no Imperio — apenas jogou, com a Republica, o bonnet por cima dos mo-nhos e veiu, descarada e cinica, para o palco dos bordeis, rebolar o cancan da impudencia. Simplemente tirou a mascara, somente foi mais sincera. No fundo, sempre a mesma por-dridão.

A fraude criminosa tem sido o apaña-jio de todas as eleições do Brazil.

A fraude legal não tem sido menos frequen-te. ("Pelo voto descoberto", justificação apre-sentada pelo Sr. Sebastião Barrozo, deputado á Assembléa Legislativa do Estado do Rio, em outubro de 1916).

Palavras de Bakounine

Considero o patriotismo burguez uma paixão mesquinha, muito estreita, sobretudo muito interessada, e fundamentalmente anti-humana, sendo o seu unico objeto a conserva-ção o poder do Estado nacional, quer dizer, a manutenção de todos os privilegios explorado-res em meio da nação. (1870)

... a revolução deixa de ser revolução, desde que a sua acção se torne despotica, e desde que, ao vez de provocar liberdade, provoca a reação no seo das massas. O meio e a condi-ção, sinão o fim principal da revolução, é a destruição do principio de autoridade em todas as possíveis manifestações, é a abolição completa do Estado politico e juridico, porque o Estado, irmão mais moço da Igreja, como demonstrou óttimeamente Proudhon, é a consagração historica de todos os despotismos, de todos os privilegios, a razão politica de todas as servidões economicas e sociais, a essencia mesma e o centro de toda a reação. Quando, em nome da revolução, se pretende sustentar o Estado seja embora o Estado provizorio, o que se realiza é a reação e trabalha-se pelo despotismo, não pela liberdade, — pela instituição do privilegio contra a igualdade. (1870)

... eu sou inimigo absoluto da revolução por decretas, que é uma consequencia e uma apli-cação da idéa do Estado revolucionario — quer dizer, da reação escondendo-se por traz das apparencias da revolução. Ao sistema dos decretos revolucionarios, eu oponho o sistema dos fatos revolucionarios, o unico eficaz, consequente e verdadeiro. O sistema autoritario dos decretos, querendo impor a liberdade e a igualdade, só consegue destrual-as. O sistema anarquico dos fatos provoca-as e suicida-as dum modo infalivel, fora da intervenção da violencia oficial ou autoritaria qualquer. O primeiro acaba necessariamente no triunfo da reação franca. O segundo estabelece a revolução sobre bases naturais e inabalaveis. (1870)

Miguel Bakounine

quais, sabendo que a maioria do operariado desta capital se vê forçada pelas circumstancias a fazer as suas refeições nesses estabelecimentos, não hesitaram em fechar aos domingos.

Em tais condições ficou delibera-do que este sindicato aconselhasse aos seus associados e a toda classe o não pagarem as suas contas em debito, em reprezália a tão inqualificavel procedimento.

Igual apelo faz a todas as socie-dades operarias, para que procedam de igual fórma. Assim esses individuos compreenderão que os operarios não estão dispostos a lhes servirem de joguetes, aussiliando-os na pretensão que têm de derrubar a lei que favorece os companheiros em luta. — A COMISSÃO EXECUTIVA.

Companhia Hanseatica

Bebam as cervejas Polar, Cascatinha, Iracema e Sumaré

Fabricadas com agua da Tijuca, captada na propria nascente

KRILENKO

Os dias de outubro de 1905 foram, na Russia, dias de grandes esperanças. Todo o país estava fremente, esperando o milagre. Todo o povo vivia na grande esperança. Brillavam, então, as estrelas da liberdade. E parecia que por uma milagre qualquer a Russia ia libertar-se da escravidão odiosa. A classe intelectual, o proletariado e os camponezes e até uma parte do exercito se mostravam irritados. Por toda a parte, secretamente ou abertamente, se reuniam meetings, preparatorios, e os sofrimentos e o sangue derramado iam fazer nacer a primeira revolução. Mas que em qualquer outra parte, porém, onde o povo se manifestava indignado era em S. Petersburgo — a que verdadeiramente pertencia o pensamento do resto da Russia, por ser a capital.

Os estudantes, que na Russia sempre deram não forte ao proletariado, que são os melhores portadores dos ideais do povo russo, declararam-se eu grève. As aulas foram suspensas, mas apesar disso, as universidades reorganizavam-se, desde manhã até alta madrugada. Millares de pessoas chegavam, para saber das felizes novas da liberdade.

Convocaram-se meetings em todos os bairros pobres, nos estreitos da cidade, lá onde se encontravam concentrados os exercitos revolu-cionarios do proletariado.

Novos nomes, inteiramente desconhecidos, surtiram naqueles dias. Toda S. Peterburgo só falava a respeito desses homens. E talvez toda a Russia. Assim, por exemplo, tornou-se celebre o "camarada Abraão", grande orador, estimadissimo entre os operarios, aos quais fazia calorosos discursos, arrebatando e incendiando de entusiasmo as multidoes, com as suas theorias.

Naqueles tempos era um perigo uzarem os revolucionarios os nomes verdadeiros. A cada momento podia ser esmagado o movimento e os primeiros martyres seriam fatalmente os chefes. Além disso, os oradores dezejavam que os tratassem pelos pseudonimos de q' se sauiam utilizado na sua actividade illegal. Mas as grandes massas arrastadas á vida politica chamavam-no, a esse, incompletamente, pelo mesmo nome — "camarada Abraão".

Quem era ele?

Uzando esse simples nome judaico. Abraão, podiam pensar que ele fosse realmente judeu. Mas isso fora um truco de revolucionario que quer arrodar o inimigo do caminho.

Os revolucionarios judeus se mascaravam comumente de nomes russos, como Bronstein (Trotski), Oulianof (Lénine), etc. Os russos adotavam então nomes judaicos.

Certa vez eu e mais camaradas revolucionarios fomos fazer uma excursão afim de trabalhar relações com o misterioso "camarada Abraão". Sem difficuldade apossamamos-nos da uzina Putilof, onde a grève se dezoenviava intensamente. Não se via nenhum bonde, nenhum cocheiro. A nossa excursão foi demorada e fez-se no meio dos maiores perigos. Ao penetrarmos no bairro operario sentiamos uma grande differença de ambiente. Os operarios, em grandes massas, desfilavam em direcção ao edificio superior da fabrica Putilof.

Ao entrarmos no salão do edificio, este já se achava apinhadissimo. Não nos foi possível romper caminho até ao lugar em que se encontrava a mesa. Fazia um calor insupportavel. Era tal o rumor que ali se fazia, oriundo pela presença de milhares de pessoas, que não ouviámos a propria voz. E cada vez aumentava mais o tumulto.

De repente ouviu-se uma explosão. Toda a jento supoz que o edificio ia dezabar. Todas as vistas se voltaram para o estrado. Surgiu então o "camarada Abraão". Na verdade eu estava afastado dele; mas via que era um homem de estatura pequena, mais baixa do que mediana, pernas um pouco tortas e uma fisionomia vulgar, dessas que se encontram por toda a parte.

Era procedente do sul da Russia. Tinha uma voz melodiosa e vibrante. O "camarada Abraão" atacou os cadetes, que eram muito populares na Russia, dezmoralizou o prof. Mi-lukof e seus comparsas. ... Ezaltava-se até ao excessio, os cabelós louros em pé, olhos injetados, e era a cada passo interrompido pelos aplausos delirantes da multido. Um enarme successo...

O que é o vermutin? E' um aperitivo-estomacal moderno, elegante, original, que se toma puro, gelado com agua, siphon ou misturada com outro. E' uma bebida deliciosa, com poderes tónico digestivo-nervinoso artudes, RADIO-ACTIVAS, que influem no rganismo, rejuvenescendo a todos que fizerem uso. Notaes o paladar delicioso que fica na bocca depois que se bebe O VERMUTIN! tome gelado que é delicioso! O appetite renasce, a juventude se conserva e se pro-longa, a velhice adquire novos reforços para resistir aos seus efeitos! Tome sempre, repeti as doses de 3 a 4 calices por dia e ao fim de 15 dias sentireis os beneficios do RADIO APERITIVO INDIANO — VERMUTIN—do Dr. Eduar-do Franca. Encontra-se em todos os hoteis, restaurants, cafés, confeitarias bars, boteguins e armazens. unicos depositarios: Mourão & C., Rua do Rozario, 133 —Concessionarios: Coutinho Neves & C., Rua Buenos Aires, 96 (sobrado).

Fabrica de Cerveja Oriente de José Vasquez Ferro Rua Visconde do Rio Branco 30

CARIBALDI Pitoresco parc ao ar livre (Entrada pela rua da Consti-tuição 33) TELEFONE C. 1673 Rio de Janeiro

Companheiros!

Difundi o COSMOPOLITA!

Mista. Muito popular entre os operarios das cidades, demonstrou grande dedicação á cauza dos camponezes, e é amigo inseparavel dos intellectuais. Krilenko é homem de grande compostura moral. E' um daqueles tipos russos dos quaes disse o grande psicologo Dostoiewski que não absorvem as idéas, mas são absorvidos pelas idéas. Tomou parte ativa na revolta da esquadra do Mar Negro, sendo apontado como um dos cabeças dos marinheiros.

GRANDE TINTURARIA LONDRES

Rau 7 de Setembro, 147

Entre Uruguayana e Travessa de São Francisco de Paula

Casa das duas Portas Largas. Ao lado das afamadas camas arame Serpa. — Fazem-se concertos em roupas de homem TELEFONE N. 3093

Tinturaria e Alfaiataria RUY BARBOSA

Especialidade em roupas sob medida

Concerta-se roupas de homens

MORAES & MOREIRA

Rua Senhor dos Passos, 96

Tel. 4803-Norte—RIO DE JANEIRO

Café e Bilhares do Campo

Casa especial em café, chocolate, leite de Minas, mingaus, gemadas e ceias

ABERTO ATE' A 1 HORA DA NOITE

José Antonio de Azevedo

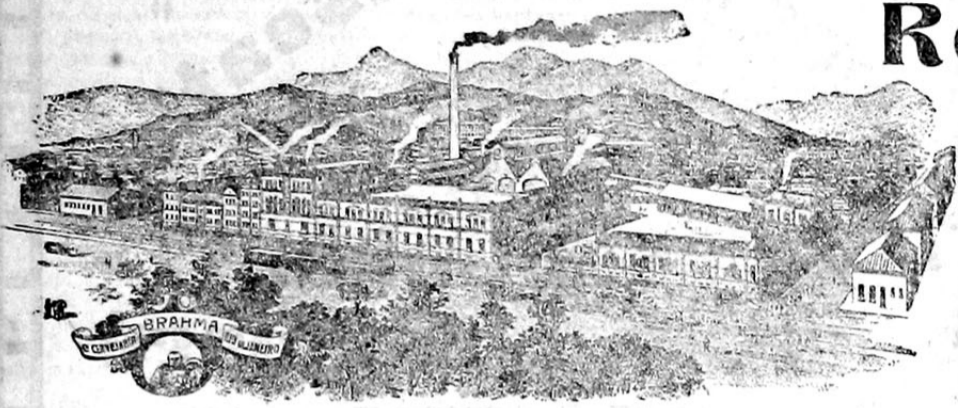
R. Frei Caneca, 1

Canto da Praça da Republica e esquina da Rua Barão do Rio Branco TELEPHONE: C. 3750

RIO DE JANEIRO

Cervejaria Brahma

Recommenda as suas
afamadas marcas:



Fidalga Malzbier Brahma Porter

que são as preferidas pelas pessoas de bom gosto

BEBAM

CAXAMBÚ

**A soberana das
aguas de meza**

RIO DÃO O vinho de meza
preferido

IMPORTADORES

J. Ferreira & C.

Cerveja Park Bier. Estomacal
e nutritiva

PRAÇA TIRADENTES, 27

CASA TIM-TIM POR TIM-TIM

SEMPRE NA PONTA

ESPECIALIDADE EM PETISQUEIRAS A PORTUGUEZA
E "COM ELLAS E SEM ELLAS" - ABERTO ATE 1 HORA DA NOITE

Rua do Lavradio n. 41 - Telephone 3229
RIO DE JANEIRO

DURAN & BARBOSA

"Casa Rist"

Deposito excluzivo de productos
nacionaes

VINHOS E CONSERVAS

Rua 7 de Setembro n. 77

Telephone 455 - Central

BEBAM

SVLUTARIS

A Rainha das

Aguas de Meza

CENTRO COSMOPOLITA

Sede: RUA DO SENADO 215-217
(TELEPHONE 1499 CENTRAL)

Esta sociedade, fundada em 31 de Julho de 1903, incumbe-se de fornecer ás exmas. familias, confeitarias, hotéis, restaurants
clubes, bars e demais casas deste ramo, pessoal competente
para banquetes, casamentos, pic-nics, etc. etc., não só na capital como no interior, responsabilizando-se pelo mesmo

Aluga o seu vasto salão para festivaes, conferencias e outros actos de reconhecida moralidade

Attende a chamados todos os dias uteis das 7 ás 22 horas e aos domingos até ao meio dia

